



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**WILLIAM DIAS SILVA**

**PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CORPOS TRANSGÊNERO:  
DIÁLOGOS COM O VIVIDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**CAMPINA GRANDE/PB  
2018**

**WILLIAM DIAS SILVA**

**PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CORPOS TRANSGÊNERO:  
DIÁLOGOS COM O VIVIDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, tipo monografia, apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Área: Pedagógica e Sociocultural

Linha de Pesquisa: Estudos Socioculturais da Educação Física Escolar

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elaine Melo de Brito Costa

CAMPINA GRANDE/PB  
2018



É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, William Dias.  
Processo de construção identitária de corpos transgêneros [manuscrito] : Diálogos com o vivido na Educação Física escolar / William Dias Silva. - 2019.  
52 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Elaine Melo de Brito Costa, Departamento de Educação Física - CCBS."  
1. Educação Física escolar. 2. Construção de identidade.  
3. Corpo. 4. Sexualidade. I. Título  
21. ed. CDD 372.86



**WILLIAM DIAS SILVA**

**PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CORPOS TRANSGÊNERO:  
DIÁLOGOS COM O VIVIDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, tipo monografia, apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Educação Física.

Área: Pedagógica e Sociocultural

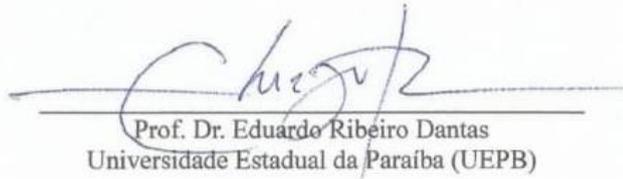
Linha de Pesquisa: Estudos Socioculturais da Educação Física Escolar

Aprovada em: 07/12/2018.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Melo de Brito Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Ms. Alcione Ferreira da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que, deliberadamente ou não, fazem da sua existência um ato político. Foi para minimizar as situações difíceis que dos que resistem ao encaixotamento de gênero, identidade de gênero, orientação sexual e de qualquer outro tipo de padronização social, passam nas aulas de Educação Física que foi produzido esse material.

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Elaine Melo de Brito Costa, que com paciências e dedicação embarcou comigo nas minhas inquietações.

A meu companheiro, Ewerton Alves, meu maior apoiador.

A minha filha Mariana Dias e a minha ex-mulher e amiga Vanuza Inocência pelo seu carinho nos momentos mais difíceis.

Aos amigos e familiares.

Especialmente ao meu amigo Roberto Gomes Borburema.

Aos(as) entrevistados(as), pela doação de seu tempo e por terem aberto suas vidas pessoais para contribuir com a formação do professor, especialmente a de Educação Física, como também, com a formação e desenvolvimento humano de estudantes da educação básica que poderão ter acesso ao documentário.

A Mário Wilson de Jesus Fernandes - coordenação de Ações e Políticas Públicas para a população LGBT, pela autorização concedida para o desenvolvimento da pesquisa.

*Havia alguma coisa que não tinha acontecido naqueles anos da minha adolescência e, quando finalmente tudo ficou claro, senti que ela tinha sido roubada. De todas as coisas da vida que proibiram aos gays, a adolescência é a mais injusta.*

*Quero que devolvam a minha adolescência.*

Bruno Bimbi

*A primeira vez que ouvi um xingamento foi na escola por volta dos 4 anos de idade, eu nem sabia o que era, mas pelo tom de voz do garoto e a expressão do seu rosto, entendi que não podia ser algo bom. Pela primeira vez sentir a rejeição e o sentimento de não pertencimento que me acompanhou durante décadas da minha vida.*

William Dias

## RESUMO

A escola precisa ser um ambiente onde alunos e alunas se sintam incluídos/as e acolhidos/as a despeito de suas características físicas, posicionamentos políticos, religiosos e claro das identidades sexuais e de gênero. Nesse sentido, o corpo e as práticas corporais devem ser abordadas a partir dos discursos nas aulas de Educação Física escolar. Dessa forma, a pesquisa apresenta as seguintes questões: De que forma a escola e especialmente o professor de Educação Física trataram corpos transgêneros, gays efeminados e lésbicas masculinizadas? De que forma as experiências vividas nas aulas de Educação Física contribuíram para o fortalecimento do heterossexualismo como normativa social? Quais aspectos são revelados pelas histórias de vida que apontam para um fazer pedagógico na Educação Física escolar? Como os adultos de hoje, ex-alunos, que não estavam enquadrados na lógica do sexo biológico como determinante das identidades de gênero e sexual, se percebiam nas aulas de Educação Física? Como eles(as) se sentiam percebidos(as) pela comunidade escolar? E ainda, quais as repercussões das situações vivenciadas por eles na vida de cada um hoje? Os objetivos da pesquisa são: 1. conhecer, compreender e refletir sobre histórias de vida de ex-alunos(as) transgêneros, gays efeminados e lésbicas masculinizadas a partir do cotidiano escolar e, especialmente nas aulas de Educação Física no processo de construção identitária; 2. identificar e refletir sobre a percepção de si e a do outro na escola, bem como situações e lembranças marcantes nas aulas de Educação Física no processo de construção de identidades; 3. apresentar apontamentos pedagógicos a partir de histórias de vida que possam contribuir para o trato das práticas corporais, bem como, orientar ao acolhimento de alunos(a) que fogem ao padrão de gênero e sexualidade, especialmente nas aulas de Educação Física. A pesquisa é de natureza qualitativa do tipo história oral de vida. Será utilizada a entrevista semi-estruturada e com base em Meihy (1996), o depoimento do(a) entrevistado(a) não deve ser questionado, a sua fala é consequência da forma como ele(a) percebeu os acontecimentos abordados na entrevista. A partir do estudo será produzido um documentário com as histórias de vida de pessoas transgêneros, gays efeminados e lésbicas masculinizadas no cotidiano das aulas de Educação Física. Esse material midiático poderá ser um importante estratégia para a reflexão sobre as temáticas destacadas no âmbito da escola, podendo ser compartilhada em reuniões pedagógicas, material didático para capacitação de professores da educação básica e superior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Construção de identidade. Gênero. Sexualidade.

## ABSTRACT

The body and corporate practices should be reflected in their relationship of society and culture, from the discourse on the practices and discourses made on the body and its practices. The school needs to be an environment where students are synthesized / welcomed / as an eviction from their own domains, positioning themselves as political leaders, public and distinct from people and gender. The teaching form presents the following teaching disciplines: What is a discipline and the Physical Education teacher treated the transgender, gay and feminine bodies and masculinized lesbians? How have the experiences of physical education classes contributed to the strengthening of heterosexuality as a social norm? Are the issues revealed by life stories that point to a pedagogical formation in Physical School Education? How do today's adults, former students, who do not fit the logic of sex as determinants of gender and sexual identities, notice themselves in Physical Education classes? How did they feel perceived by the school community? And again, what are the repercussions of the situations experienced by them in the life of each one today? The objectives of the research are: 1. to know, understand and reflect on the life histories of ex-students, transgenders, gays, andeminically, gay, medicalized from everyday school life, and in particular in Physical Education classes in process of identity construction; 2. Identify and Identify Physical Education Sessions in the Identity Building Process; The project guides pedagogies to teach classes about the learning ability of corporate children, as well as guiding the reception of students who avoid the pattern of gender and sexuality, especially in Physical Education classes. The research is qualitative nature of the oral history type of life. The semi-structured interview based on Meihy (1996) will be used, the interviewee's testimony should not be questioned, his speech is a consequence of the way he (a) perceived the events covered in the interview . From the study will be produced a documentary with the life histories of transgender people, effeminate gays and masculinized lesbians in the daily of the classes of Physical Education. This media material can be an important strategy for reflection on the themes highlighted in the school, and can be shared in pedagogical meetings, didactic material for the training of teachers of basic and higher education.

**Keywords:** Body. Identity construction. Genre. Sexuality.

## SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO .....	11
2 - OBJETIVOS E META .....	14
2.1 - OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	14
2.3 - META .....	14
3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1 – MENINO OU MENINA? APRISIONAMENTO DOS CORPOS: FAMÍLIA, ESCOLA E HETERONORMATISMO .....	15
3.2 - CORPOS, SUJEITOS E IDENTIDADE.....	18
3.3 - CONQUISTANDO DIREITOS .....	21
4 - METODOLOGIA.....	24
4.1 - NATUREZA DA PESQUISA .....	24
4.2 - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	25
4.3 - ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS .....	26
4.4 - GRUPO INVESTIGADO .....	27
4.5 - ASPECTOS ÉTICOS .....	28
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	28
5.1 - SEPARAÇÃO DOS CORPOS E A INVISIBILIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	29
5.2 - O NÃO PERTENCIMENTO À ESCOLA E ÀS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	32
5.3 - O BULLYING: A VIOLÊNCIA CONTRA O CORPO NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE .....	34
5.4 - MEU CORPO, SUAS REGRAS .....	35
5.5 - A NEGAÇÃO DE SI MESMO .....	37
5.6 - INDIFERENÇA E SILENCIAMENTO DOS (AS) PROFESSORES(AS) .....	39
5.7 - A FUGA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
7 REFERÊNCIAS .....	46
ANEXOS .....	47

## I - INTRODUÇÃO

Quando se pensa na Educação Física escolar, é bastante comum a imagem de crianças e adolescentes praticando esporte, jogando, brincando, dançando, etc. Tal imaginário pode fazer parte do dia a dia, da vivência da maioria de alunos(as) da educação básica do nosso país. É também comum restringir ou dicotomizar a Educação Física em aulas somente práticas e/ou teóricas, onde a prática pela prática, sem a problematização, acaba impedindo que tantos os corpos quanto os movimentos sejam refletidos em sua relação com a sociedade e a cultura.

Assim como os movimentos, os corpos também são construídos culturalmente por isso devem ser abordados nas aulas de Educação Física não só no seu aspecto biológico, mas também e, sobretudo, no que diz respeito à dimensão sócio-cultural, ou seja, buscando fazer os(a) alunos(a) compreenderem e refletirem sobre a construção de identidades a partir dos usos e discursos produzidos sobre o corpo. O estudo ora apresentado compreende o corpo na relação com o mundo, como ele é significado a partir das construções sociais que sobre eles recaem, como também, abordando a fazê-los se enxergar como sujeitos de seus corpos.

É importante destacar que, no tocante ao currículo, têm sido invisibilizadas as experiências vivenciadas pelas pessoas transgênero, gays efeminados e lésbicas masculinizadas na escola diante de um currículo oculto que os rejeita e marginaliza. Nesse contexto, o interesse por estudar essa temática surgiu durante o período em que prestei serviço ao Estado da Paraíba como vice-gestor numa escola estadual, localizada em um bairro popular da cidade. O público era formado na sua maioria por alunos com baixo poder aquisitivo e moradores das adjacências da escola.

Durante as reuniões de planejamento do ano letivo 2015, foi dedicado um dia inteiro para discutir gênero e sexualidade na escola. A princípio, houve um debate sobre a temática, num segundo momento, foi pensado coletivamente, um modo de tornar a escola mais inclusiva no que diz respeito a essas questões. No andamento das discussões percebeu-se a dificuldade que os/as professores/as daquela instituição tinham em abordar as temáticas de gênero e sexualidade e, ainda mais, quando partia para as questões LGBTI. O desafio residia em fazê-los pensar o corpo e seus usos, incluindo aí a sexualidade como algo amplo, que fugisse ao modelo normativo heterossexual.

Eles acreditavam que o fato de aceitarem os/as alunos/as homossexuais e transgêneros

dentro da escola era suficiente para que se achassem incluídos/as. Na verdade, o que eles/as faziam, ainda que sem querer, era invisibilizar as identidades desses alunos/as, talvez para não ter que discutir o assunto. Em virtude dessa experiência, é que surgiu o estudo no sentido de conhecer as histórias de vida de ex-alunos(a) que fugiam do padrão cisgênero e heterossexual.

O estudo compreende a escola como um importante espaço de sociabilidade, no qual as diferenças se acentuam, onde os corpos que não se enquadram nos modelos de masculinidade e feminilidade estabelecidos socialmente são o tempo todo reprimidos, ainda que de forma indireta. Diante disso, a pesquisa indaga: *De que forma a escola e especialmente o professor de Educação Física trataram corpos transgêneros, gays efeminados e lésbicas masculinizadas? De que forma as experiências vividas nas aulas de Educação Física contribuíram para o fortalecimento do heterossexualismo como normativa social? Quais aspectos são revelados pelas histórias de vida que apontam para um fazer-pedagógico na Educação Física escolar?*

A relevância desse estudo tanto para os alunos fora do padrão cisgênero e heterossexual, quanto para toda a comunidade escolar e acadêmico-científica. Os resultados produzidos poderão servir de parâmetro para os professores que se buscam conhecimentos para transformar a escola em um ambiente mais acolhedor e democrático no que se trata de identidade de gênero e sexual.

Outro destaque se assenta no fato de que o objeto de pesquisa escolhido é inovador e incomum no âmbito das pesquisas no campo da licenciatura em Educação Física/UEPB, bem como, em outras instituições de ensino superior no mesmo curso, por trazer para o debate as temáticas de identidade de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física escolar a partir de pessoas transgêneros.

A partir do estudo foi produzido um documentário com as histórias de vida de corpos transgêneros no cotidiano das aulas de Educação Física. Esse material midiático torna-se uma estratégia para a reflexão sobre as temáticas destacadas no âmbito da escola, podendo ser compartilhada em reuniões pedagógicas, material didático para capacitação de professores da educação básica e superior.

O estudo revela-se inovador no sentido de demonstrar como que esses corpos transgêneros se percebiam dentro do espaço escolar. As falas desses ex-alunos revelam-se para os(as) professores(as) planejarem suas aulas de modo a tematizar as questões do corpo como conteúdo do currículo escolar, além de exercitar a empatia para que o sentimento de

pertencimento desses(as) alunos(as) nas aulas de Educação Física seja vivido. A escola também poderá perceber-se em suas ausências, posicionamentos e encaminhamentos para a formação dos sujeitos.

Ao problematizar o papel proeminente da escola para a diminuição ou acentuação do preconceito e discriminação das pessoas transgênero, dos gays efeminados e das lésbicas masculinizadas, chama-se atenção para os prejuízos que poderão acompanhar o aluno(a) em toda a sua trajetória escolar e social. A pesquisa demonstra a necessidade de uma escola de fato inclusiva, na qual todos os alunos tenham seus corpos e suas identidades sexuais e de gênero contemplados.

A pesquisa partiu da urgência de retirar da invisibilidade as experiências vivenciadas pelos ex-alunos e alunas considerados fora do padrão cisgênero e heterossexual, com isso, o estudo proporciona a professores e alunos(a) de licenciatura uma percepção mais aprofundada de como esses(as) alunos(as) se sentem nas suas aulas; além de apontar caminhos para planejamentos de aulas, onde todos(a) se sintam contemplados(a) independente da identidade de gênero ou sexual. Dessa forma, contribui-se para a formação de uma Educação Física escola mais inclusiva no trato com os corpos e os sujeitos que estão fora dos modelos padronizados culturalmente.

## **2 - OBJETIVOS E META**

### **2.1 - OBJETIVO GERAL**

Conhecer, compreender e refletir sobre histórias de vida de ex-alunos(as) transgêneros, gays efeminados e lésbicas masculinizadas a partir do cotidiano escolar e, especialmente nas aulas de Educação Física no processo de construção identitária.

### **2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Identificar e refletir sobre a percepção de si e a do outro na escola, bem como situações e lembranças marcantes nas aulas de Educação Física no processo de construção de identidades.

Apresentar apontamentos pedagógicos a partir de histórias de vida que possam contribuir para o trato das práticas corporais, bem como, orientar ao acolhimento de alunos(a) que fogem ao padrão de gênero e sexualidade, especialmente nas aulas de Educação Física.

### **2.3 - META**

Produzir um (01) documentário que possa subsidiar o debate no campo sócio-cultural e pedagógico nas escolas principalmente, no que se refere às práticas não-sexista e não-LGBTIfóbicas nas aulas de Educação Física.

### 3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 – MENINO OU MENINA? APRISIONAMENTO DOS CORPOS: FAMÍLIA, ESCOLA E HETERONORMATISMO

Desde o principiar da vida, somos compelidos a adequar nossos comportamento de gênero e prática sexual ao padrão esperado pela sociedade da qual fazemos parte. Esse trabalho de condução do sujeito e seus corpos para uma sexualidade considerada normal e natural começa antes do nascimento, Com a informação de que o bebe esperado será menino ou menina, já se começa a se pensar no enxoval referente as coisas próprias para cada um. como explica Guacira Lopes Louro “A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminilização com o qual o sujeito se compromete. Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um corpo que importa”. (LOURO, 2013, p.16). Esse processo tem continuidade no decorrer da vida por meio as instituições sociais, sendo a escola a que mais eficazmente exerce esse controle dos corpos e de seus usos.

Talvez tenha sido a escola a instituição que mais se empenhou na manutenção e propagação da normalização de determinados comportamentos em detrimento de outros. “Historicamente nenhum outro espaço institucional foi tão claramente usado como uma tecnologia de normalização quanto à escola” (MISKOLCI, 2012, p. 52). Entre os valores reproduzidos no ambiente escolar, está a legitimação da hierarquia sexual com a naturalização da heterossexualidade em detrimento de todas as outras formas de exercício da sexualidade humana e das diferentes identidades de gênero.

A reprodução desses valores nem sempre é realizada deliberadamente, na maioria das vezes ou quase sempre ela acontece de forma espontânea, dentro do processo de educação ou mesmo de sociabilização no espaço educacional. É na escola onde as diferenças se acentuam pelo número de sujeitos ali interagindo ou apenas sendo afetados. É nesse ambiente que as crianças

[...] entrariam em contato pela primeira vez com a sociedade e suas demandas. Isso porque, muito frequentemente, na família é claro que você está inserido na sociedade, mas você tem um certo cordão de proteção com relação a muitas demandas exteriores ao círculo do parentesco. Na escola, tal cordão desaparece, e é ai que descobrimos que somos acima do peso, ou magros demais, feios, baixos, gagos, negros, afeminados. Em suma, é no ambiente escolar que os ideais coletivos sobre como deveríamos ser começam a aparecer como demandas e até mesmo como imposições, muitas vezes de forma violenta (GOFFMAN apud

MISKOLCI,2012, p. 37-38).

O processo de normatização e normalização ou como trata Miskolci na citação acima, as “demandas sociais” é realizado muitas vezes de forma sutil, o que os autores denominam de currículo oculto “[...]um processo não dito, não explicitado, não colocado nos textos, mas que estava na própria estrutura dos aprendizados, nas relações interpessoais, até na própria estrutura arquitetônica, que continua a ser normalizadora”. (MISKOLCI, 2012, p. 38) Toda essa subjetivação acaba fazendo com que o enquadramento de gênero e da heterossexualidade passe despercebido pela maioria. Tão sutil é a sutileza que as pessoas acabam se convencendo que o que é aprendido seria parte da sua natureza. Acreditando que são determinados pela biologia. Na verdade essa seria uma segunda natureza, que ao contrário da primeira pode ser investigada e analisada por meio da história e da cultura.

Essa segunda natureza é responsável pelo que Miskolci denomina de heteronormatividade que é definida por ele como: “ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou - mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” (MISKOLCI, 2012, p.1). Ainda segundo Miskolci (2012), esse processo de coação social a que todos estão sujeitos para se adequar ao modelo de masculinidade esperado e aceito acaba por se estender também para os homossexuais, sobre isso diz ele:

Gays e lésbicas normalizados que aderem a um padrão heterossexual, também podem ser agentes da heteronormatividade. Nesse sentido, quer sejam heterossexuais ou homossexuais, todos podem ser normalizados e preconceituosos com o Outro, aqueles homossexuais também normalizados ajudam na estigmatização e na percepção negativa daqueles que não cabem na heteronormatividade (MISKOLCI, 2012, p.15).

Por essa razão gays efeminados, lésbicas masculinizadas e as pessoas trans são os que mais sentem o preconceito e a discriminação. Para um homossexual que não denote sua orientação sexual na fala, no jeito de andar e mexer com as mãos, ou seja, que se encaixa nos moldes da heteronormatividade a vida pode ser bem mais fácil. Essa é razão pela qual os grupos de gays e lésbicas cisgênero algumas vezes desprezem as(o) trans, as lésbicas masculinizadas – caminhoneiras - e as bichas – gays efeminados – tanto quanto os heterossexuais. Atitudes como essas só reforçam ainda mais a segregação dessas pessoas.

Nos primeiros anos a cobrança fica muito mais no campo do comportamento de gênero, o que Miskolci denomina de heteronormatividade que é definida por ele como:

“ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou - mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida” (MISKOLCI, 2012, p.1). Ainda segundo Miskolci (2012), esse processo de coação social a que todos estão sujeitos para se adequar ao modelo de masculinidade esperado e aceito acaba por se estender também para os homossexuais.

Nas primeiras séries observa-se uma pressão para a adequação da criança ao comportamento de gênero e sexual esperado pela família e a escola. Na fase infantil a sexualidade podia ficar envolta numa atmosfera de inocência, nesse momento ela começa a ser vista e incentivada, principalmente para os adolescentes machos, que devem dar prova da sua heterossexualidade o quanto antes, para afastar a possibilidade de uma possível homossexualidade. No Ensino Médio além da cobrança com o comportamento de gênero adequado ao sexo biológico, surge a preocupação com o interesse sexual, é nesse período da vida que há o despertar para a sexualidade. É um momento de experimentação e afirmação da heterossexualidade.

Nesse sentido, pode-se pensar a sexualidade a partir de uma abordagem pautada nos conceitos de Michel Foucault. O mesmo compreender a sexualidade como um dispositivo, consiste em entendê-lo num jogo de poder, em que o saber é fator decisivo, produzindo discursos sobre os corpos, comportamentos e relações sociais (FOUCAULT, 1984). A sexualidade, portanto, não deve ser compreendida enquanto uma condição da natureza humana e sim como consequência dos saberes que sobre eles foram construídos historicamente.

A heterossexualidade compulsória (heteronormatividade), ou seja, da construção da naturalização das identidades de gênero e dos desejos sexuais como determinados pelo sexo biológico, como se fosse uma condição *sine qua non* dos corpos de machos e fêmeas é portanto uma construção e assim sendo pode ser alterada para o bem de todos e, não apenas para uma parcela da população.

Sendo os que transgridem os limites do ajuste que convencionou-se fazer entre o sexo biológico e o comportamento de gênero, a exemplo dos homens afeminados e mulheres masculinizadas, travestis e transexuais os alvos mais frequentes desses episódios que, não raras vezes, saem do campo da verbalização e chegam à agressão física. Razão pela qual muitos preferem continuar vivendo na clandestinidade, ou então, levando uma vida dupla. “Veados”, “bichas”, “frescos”, “baitola”, “marica”, “biba”, “rosca”, “vira mão”, “queima rosca”, “sapatão”, “coturno”, “saboeira”, “mulher-homem” são apenas alguns dos termos

utilizados para se referir de forma pejorativa aqueles(as) que mantêm relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo. Ou ainda quando se quer macular a honra de um homem ou de uma mulher assumidamente heterossexual.

A naturalização da heterossexualidade e a padronização dela na sociedade, está permeada por um discurso que entende a sexualidade como consequência do sexo biológico. Nessa lógica, o desejo sexual seria uma decorrência do órgão sexual com o qual a pessoa nasce, ou seja, se se nasce macho, o desejo sexual deve ser direcionada para as fêmeas e vice-versa. Acontece que o biológico não é capaz de determinar a que gênero uma pessoa vai pertencer e nem tampouco como será exercida a sua sexualidade. Não existem garantias de que uma criança que nasça macho ou fêmea se auto identificará como um homem ou uma mulher respectivamente, quando chegarem a fase adulta, ou ainda, que o seu desejo sexual será voltado para pessoas de sexo biológico diferente do seu. Isso acontece por que a sexualidade é construída em meio às interferências histórica, social e cultural.

[...] podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não - natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tomamos históricas. (LOURO, 2000, p.3)

Assim, compreender como a heterossexualidade foi sendo construída como a única sexualidade natural e aceita no decorrer do processo de formação da nossa sociedade, é fundamental para a desconstrução da lógica sexo biológico, gênero e sexualidade. Abrindo assim, a possibilidade para que as outras identidades sexuais e de gênero sejam contempladas como parte da identidade pessoal de cada um(a).

### **3.2 - CORPOS, SUJEITOS E IDENTIDADE**

O corpo na escola, especificamente nas aulas de Educação Física tem sido, em via de regra, compreendido e tratado na sua dimensão biológica, seja na prevenção e cuidado com a saúde física, seja no aperfeiçoamento dos movimentos através da prática esportiva e melhoramento da coordenação motora. Pouco ou quase nada se fala da dimensão subjetiva dos corpos, ou seja que é preciso perceber esse corpo numa dimensão mais holísticas, entendendo que sua compreensão e construção estão imbricadas também na cultura. Isso

mesmo, no plural, são corpos, por que nesse caso não se trata do que há em comum entre eles, mas justamente o que há de diferente. Ou seja, a referência que alinha-se ao estudo é que os corpos são construídos cultural.

Um corpo não é apenas um corpo, É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele atribuem (GOELLNER, 2008, p. 28)

É nessa perspectiva que estamos pensando os corpos nesse estudo, para tanta se faz necessário compreendermos que os mesmos não significam sozinhos, eles são produzidos a partir dos discursos que sobre eles incidem. “Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (LOURO, 2016, p.14). Sendo assim, os corpos são marcados a depender da cultura em que estão inseridos e do momento histórico.

Nos detemos aqui nas construções dos corpos no que diz respeito as questões de gênero e sexualidade. Por entender que a escola tem se mostrado um eficaz instrumento de manutenção da heterossexualidade compulsória (heteronormatividade) e da defesa do gênero como consequência imediata do sexo biológico e por tanto inutável (cismatividade). Para Miskolci (2012, p. 52), “historicamente nenhum outro espaço institucional foi tão claramente usado como uma tecnologia de normalização quanto à escola”.

O processo de padronização sexual e de gênero acontece na escola mediante a rejeição dos sujeitos e de seus corpos, que teimam em está fora dos modelos sexuais e de gênero estabelecidos socialmente. Rejeição que pode ser percebida por meio das brincadeiras de fundo sexual nas salas de aula e no pátio durante o intervalo, nas frases escritas nas paredes e portas dos banheiros, nas piadas e xingamentos, com o uso de palavrões em que, comumente, a prática homossexual é tornada abjeta, nas proibições do que pode e não pode se fazer a depender das características biológicas, no silenciamento e na *invisibilização*, por parte dos(as) professores(as) e gestores(as) educacionais dos que exercem sua sexualidade fora do modelo heterossexual e dos que transpõe os limites de gênero estabelecido socialmente. De acordo com Miskolci (2012), esse é o chamado currículo oculto “(...) um processo não dito, não explicitado, não colocado nos textos, mas que estava na própria estrutura dos aprendizados, nas relações interpessoais, até na própria

estrutura arquitetônica, que continuam a ser normalizadora” (p.38).

Nesse sentido é compreensivo pensar que as questões envolvendo identidade de gênero e sexual sempre fizeram parte do convívio escolar, ainda que de maneira velada, no controle dos corpos e dos seus usos. Foi pelo impedimento que a sexualidade se estabeleceu e se mantém nas instituições educacionais até hoje. É importante destacar que tanto a sexualidade quanto a identidade de gênero são entendidas aqui como um construto social, histórico e cultural e não como uma condição inata da pessoa humana.

Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos “naturalmente”. Aceitamos essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza (LOURO, 2000, p. 2-3).

Sendo a escola esse ambiente onde se ensina e se aprende sobre sexualidade a partir de um processo pedagógico não oficial, mas que cotidianamente vem promovendo ações de preconceito e discriminações na escola, inclusive nas aulas de Educação Física, quando a exposição do corpo e o contato físico são mais frequentes.

Dessa forma, considerando um currículo oficial que invisibiliza esse cenário e um currículo oculto que rejeita e marginaliza os corpos dos sujeitos que não condizem com a lógica pré-estabelecida, onde identidade de gênero e sexualidade são consequência natural do sexo biológico com o qual se nasce (pênis – masculino – interesse mulheres/ vagina – feminino – interesse homens). Por isso mesmo se faz urgente que a formação de professores seja reformulada, incluído no currículo dos cursos superiores, inclusive e sobre tudo no de Educação Física, as discussões de gênero, sexualidade e identidade de gênero. Munindo os futuros profissionais da educação de informações nessa temática. Preparar o alunos de licenciatura e educação para o trato com as pessoas é está de acordo com o que apregoa a Declaração dos Direitos Humanos.

Um professor preparado para o enfrentamento do preconceito e discriminação por motivo de identidade de gênero e sexualidade, pode evitar que tantos alunos(a) LGBT sofram por conta de sua existência. Na mesma direção as escolas precisam encarar a existência dessas pessoas como um fato, fingir e invisibilizar só traz mais sofrimento para os que vivi todos o sentimento de não pertencimento como no caso das meninas e meninos LGBT. A

escola pode ser esse ambiente de exercício do respeito e da valorização da diversidade sexual e identidade de gênero. A Educação Física, pode contribuir a valorização do corpo para além da performance, percebendo o corpo e a sua relação com a cultura. Nessa perspectiva é possível pensar em abordar a transgeneridade.

### **3.3 - CONQUISTANDO DIREITOS**

Nos últimos anos, foram muitas as conquistas de direitos alcançadas pela população LGBT no Brasil, a exemplo do uso do nome social por pessoas transexuais em documentos pessoais, a possibilidade da adoção de crianças por casais do mesmo sexo, O atendimento psicológico e a feitura de cirurgias de designação de sexo realizada pelo Sistema Único de saúde – SUS; a decisão do Supremo Tribunal Federal no ano de 2011, estabelecendo a legalidade da união civil entre pessoas do mesmo sexo.

Decisões como estas contribuem para retirar as pessoas LGBT da marginalidade a que foram lançados por uma sociedade heteronormativa. Os avanços no campo do direito para essa população são recentes, teve início em 2004 com o Programa Brasil sem Homofobia instituído pelo Governo Federal. Que resultou num compromisso firmado pelos governos federal, estadual e municipais em desenvolver ações de promoção do reconhecimento da diversidade sexual, e de enfrentamento à discriminação por orientação sexual e por identidade de gênero em diversas áreas inclusive na educação.

Em maio de 2008, foi realizada a I Conferência de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (GLBT) foi o ponta pé para que em maio de 2009 fosse lançado o Plano Nacional de Promoção da Cidadania de Direitos Humanos da pessoas LGBT, composta por 51 diretrizes, dentre elas algumas voltadas para a educação, como a inclusão de arranjos familiares homoafetivos nos livros didáticos. Em dezembro de 2011, foi realizada a II conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos para Lésbicas, Gays, Bissexuais, travestis e Transexuais. Aqui também foram aprovadas diretrizes para a promoção da cidadania das pessoas LGBT.

Na área da educação temos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) publicado em 1998, que baseado na equidade, sugere a abordagem das discussões de gênero no âmbito das disciplinas e faz crítica aos materiais didáticos quanto as mensagens preconceituosas e estereotipadas ligadas ao gênero. Estes objetivos também fizeram parte do Plano Nacional de Educação lançado em 2011.

Em meio a esses avanços tivemos um retrocesso, pressionados pela bancada conservadora o Congresso Nacional retirou o do texto original as questões de gênero e sexualidade do atual Plano Nacional de Educação 2014 – 2024. Em 2003, foi lançado o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH) defende uma educação que contribua para a construção da cidadania, respeito à pluralidade e à diversidade sexual, étnica, racial, cultura, de gênero e de crença religiosa. Em 2006, foi lançado a segunda versão do PNEDH que avançou no tocante a inclusão no currículo da educação superior as temáticas de gênero, identidade de gênero e orientação sexual na formação inicial e continuada dos docentes. Além das ações programáticas de promoção de políticas afirmativas para garantir o acesso e a permanência das pessoas que sofre preconceito de gênero e orientação sexual além de outras razões.

De alguma forma a conquista desses direitos encorajaram as pessoas a viverem sua sexualidade e identidade de gênero publicamente. Essa abertura acabou gerando uma certa onda de conservadorismo por parte da população, que enxerga nessa liberdade de ser quem se é, a famosa “saída do armário”, dos LGBT como uma ameaça ao modelo de família, formado por um homem e uma mulher e seus filhos, “família tradicional”, sendo, o único modelo aceito e reconhecido socialmente.

A maior expressão desse desconforto dos grupos conservadores da sociedade, pôde ser percebido durante a campanha do então candidato a presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, que se declarava homofóbico e defensor da família, uma das principais bandeiras de campanha era impedir que maculassem a inocência das crianças com o que ele denominava de “*kit gay*”, Um material didático produzido pelo governo federal e que seriam distribuídos nas escolas públicas do país, com a intenção de informar as crianças LGBT quanto a diversidade sexual e identidade de gênero.

Fazendo-os perceber que não há nada de errado nem consigo e nem com os(a) colegas, a sua identidade de gênero e orientação sexual não é um problema que deve ser tratado, mas sim vivido com tranquilidade, assim como acontece com as pessoas cisgênero e heterossexuais. É tão verdade que não vivemos em um país em que a identidade de gênero e orientação sexual são respeitadas que o referido candidato recebeu apoio de instituições importante da sociedade como Igrejas evangélicas e representantes das igrejas católicas. Com o *slogan* Brasil acima de todos e Deus acima de tudo, o presidencialável prometia defender os valores familiares e combater o “*Kit gay*”.

Mesmo com o reconhecimento na esfera jurídica, os homens e mulheres que não

estão encaixados no modelo heterossexual e de gênero esperado socialmente, continuam sofrendo com a discriminação e o preconceito da população brasileira. São muitas as situações burlescas que enfrentam essa parcela da população no espaço de sociabilidade a exemplo de locais de trabalho, na família, na Igreja e claro no ambiente escolar. Sendo os que ultrapassam os limites do ajuste que convencionou-se fazer entre o sexo biológico e o comportamento de gênero, a exemplo dos homens efeminados e mulheres masculinizadas, travestis e transexuais os alvos mais frequentes desses episódios que, não raras vezes, saem do campo da verbalização e chegam à agressão física. Razão pela qual muitos preferem continuar vivendo na clandestinidade, ou então, levando uma vida dupla. “Veados”, “bichas”, “frescos”, “baitola”, “marica”, “biba”, “rosca”, “vira mão”, “queima rosca”, “sapatão”, “coturno”, “saboeira”, “mulher-homem” esses são apenas alguns dos termos utilizados para se referir de forma pejorativa aqueles(as) que mantêm relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo e aos que não se encaixam na cisgeneridade. Eles também ainda podem ser usado quando se quer macular a honra de um homem ou de uma mulher assumidamente heterossexual. Demonstrando claramente a forma abjeta em que foram transformadas as pessoas LGBTT, por uma sociedade que não concebe na sua maioria a existências de uma pluralidade de desejos, de afetos e de identidades.

A naturalização da heterossexualidade e a padronização dela na sociedade, está permeada por um discurso que entende a sexualidade e a identidade de gênero como consequência do sexo biológico. Nessa lógica, o desejo sexual e o comportamento de gênero seriam uma decorrência do órgão sexual com o qual a pessoa nasce, ou seja, se se nasce macho, o desejo sexual dever ser direcionada para as fêmeas e vice-versa. Acontece que o biológico não é capaz de determinar a que gênero uma pessoa vai pertencer e nem tampouco como será exercida a sua sexualidade. Não existem garantias de que uma criança que nasça macho ou fêmea se auto identificará como um homem ou uma mulher respectivamente, quando chegarem a fase adulta, ou ainda , que o seu desejo sexual será voltado para pessoas de sexo biológico diferente do seu. Isso acontece por que a sexualidade é construída em meio às interferências histórica, social e cultural.

[...] podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é – ou não - natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. (LOURO, 2000, p.3)

Assim, compreender como a heterossexualidade foi sendo construída como a única sexualidade natural e aceita no decorrer do processo de formação da nossa sociedade, é fundamental para a desconstrução da lógica sexo biológico, gênero e sexualidade. Abrindo assim, a possibilidade para que as outras identidades sexuais e de gênero sejam contempladas como parte da identidade pessoal de cada um(a).

## **4 - METODOLOGIA**

### **4.1 - NATUREZA DA PESQUISA**

A pesquisa é de natureza qualitativa do tipo história oral de vida. Esse tipo de

pesquisa caracteriza-se na definição de Meihy (1996, p.15) por

... um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Dessa forma o produto da pesquisa em questão foi voltado para nortear a prática docente dos(a) professores(a) de Educação Física quanto a propiciar o sentimento de pertencimento dos(a) alunos(a) foco dessa pesquisa.

Existem três tipos de história oral, a de vida, a temática e tradição oral. O estudo fará uso da história oral de vida onde “as perguntas devem ser amplas, sempre colocadas e grandes blocos, de forma indicativa dos grandes acontecimentos e na sequência cronológica da trajetória do entrevistado” (MEIHY, 1996, p.35).

Em conformidade com esse tipo de pesquisa o depoimento do(a) entrevistado(a) não deve ser questionado, a sua fala é consequência da forma como ele(a) percebeu os acontecimentos abordados na entrevista. “A questão da verdade neste ramo da história oral depende exclusivamente de quem dá o depoimento. Só o narrador diz, por exemplo, que viu um disco voador, que esteve em outro planeta, que é a encarnação de outra pessoa, não cave duvidar” (MEIHY 1996, p.35). Daí decorre a subjetividade desse tipo de pesquisa. É essa subjetividade que nos favorece, o que importa é justamente a maneira como os entrevistados se sentiam nas aulas de Educação Física e qual a percepção deles de como a comunidade escolar e demais alunos lhe enxergavam. Nesse sentido a história oral tornou-se pertinente à intenção do estudo.

## **4.2 - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

Foi utilizada a entrevista semi-estruturada filmada que norteou as fases de vida dos participantes em: 1. Corpo e o processo de auto-conhecimento trans, gays efeminados e lésbicas masculinizadas, 2. As experiências do Corpo na Educação Física escolar: o olhar do outro pra si, 3. Os desdobramentos das resistências e as lutas na construção da identidade de gênero e de afirmação de gays efeminados e lésbicas masculinizadas.

### 4.3 - ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS

Foi utilizada como técnica, a análise de conteúdo baseada em Bardin. Como trata Minayo (1992, p.74) afirma que: “através da análise de conteúdo podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação”.

O método de análise de conteúdo, fundamentado em Bardin (2009), subsidiou a análise e interpretação dos dados, considerando as seguintes etapas:

1º - a pré-análise, caracterizada pela leitura preliminar dos conteúdos dos relatos gravados, denominada de leitura flutuante. Nessa etapa, a leitura consistiu numa primeira apreciação da filmagem da qual serviu para destacar conteúdos posteriores, denominada de leitura compreensiva, identificando possíveis categorias analíticas;

2º - a exploração do material, consistiu na definição das categorias analíticas, onde buscou-se os registros que traçassem a trajetória dos participantes na Educação Física escolar, podendo ter sido divergentes ou não, recorrentes ou não, denominadas de unidades de registro (grifadas em negrito nos discursos dos participantes) que desdobraram-se em categorias analíticas. A análise propriamente dita foi realizada a partir do *corpus de análise* (depoimento gravado, em vídeo, dos participantes).

Durante essa etapa, foi realizado o procedimento que produziu o roteiro e o conteúdo do documentário, denominado de minutagem:

**Quadro 1. Minutagem e construção das categorias analíticas**

Entrevistados	Tempo		Categoria Analítica
	Início	Final	
ECB	2m00s	2m25s	Quem sou eu
JSS	00s13s	00s17s	
TLS	00s28s	00s34s	
TSS	00s11s	00s17s	

Entrevistados	Tempo		Categoria Analítica
	Início	Final	
ECB	4m30s	5m16s	Separação dos corpos
JSS	3m41s	4m05s	
TLS	3m00s	3m37s	
TSS	2m32s	2m39s	

Entrevistados	Tempo		Categoria Analítica
	Início	Final	
ECB	8m50s	9m00s	Não pertencimento
JSS	17m38s	18m00s	
TLS	13m23s	14m14s	
TSS	2m04s	2m22s	

Entrevistados	Tempo		Categoria Analítica
	Início	Final	
ECB	3m52s	4m30s	O bullying e a humilhação pública
JSS	7m37s	7m50s	
TLS	9m25s	10m24s	
TSS	8m37s	9m03s	

Entrevistados	Tempo		Categoria Analítica
	Início	Final	
ECB	12m40s	13m00s	Indiferença e silenciamento dos professores
JSS	13m00s	13m30s	
TLS	14m44s	15m23s	
TSS	7m17s	8m01s	

Entrevistados	Tempo		Categoria Analítica
	Início	Final	
ECB	7m13s	8m40s	A fuga das aulas de EF
JSS	4m30s	5m06s	
TLS	1m50s	2m15s	
TSS			

**Fonte:** Próprio autor.

3º - o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, configurou-se na análise e interpretação das categorias analíticas buscando articulações entre o aporte teórico, trechos dos relatos dos participantes e a interpretação do pesquisador.

#### 4.4 - GRUPO INVESTIGADO

Foi constituído por quatro (04) participantes que represente o transgênero, gay efeminado e lésbica masculinizada, residentes na cidade de Campina Grande/PB.

### **CRITÉRIOS DE INCLUSÃO**

Foram incluídos no estudo pessoas assumidamente transgêneros ou que estejam fora do padrão cisgênero, ou seja, gay efeminado e lésbica masculinizada.

### **CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO**

Serão excluídos do estudo pessoas cisgênero sejam elas heterossexuais, homossexuais ou ainda bissexuais.

### **4.5 - ASPECTOS ÉTICOS**

A pesquisa foi desenvolvida considerando os aspectos éticos, tendo como base a Resolução n. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/MS no que se refere ao obtenção e trato dos discursos dos sujeitos que participarão da pesquisa, ressaltando o conhecimento sobre a pesquisa, bem como a necessidade de sua autorização para utilizar suas imagens e documentos particulares (fotografias).

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesse momento, a pesquisa apresenta a partir dos relatos obtidos as categorias analíticas, onde revelaram-se ações de manutenção de padrões empregada pela escola e mais especificamente os professores de Educação Física nas suas aulas que interferiram ou não no processo de identidade dos entrevistados(as). As lembranças dos entrevistados no período

escolar foram imprescindíveis para entendermos que, apesar de não ser a única determinante das experiências vivenciadas pelos alunos no período escolar, ainda assim o cotidiano escolar pode deixar marcas e constituir-se num processo identitário sofrido e invisível. Como escreveu Louro:

Não pretendo atribuir à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determina-las de forma definitiva. É preciso reconhecer, contudo, que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm “efeitos de verdade”, constituem parte significativa das histórias pessoais. (LOURO, 2016, p. 21)

### 5.1 - SEPARAÇÃO DOS CORPOS E A INVISIBILIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Muito comumente nas aulas de Educação Física há uma separação dos gêneros feita pelos professores e também das práticas que consideram próprias para cada gênero. Situações como essas não levam em consideração a vontade dos(as) alunos(as). Não é dado a eles(as) o direito de escolher quais as práticas que mais lhe interessam. Analisando as falas há em comum a ausência de uma sensibilidade por parte do professor para oportunizar diversas práticas corporais aos alunos como destacado nos depoimentos abaixo. Já aqui, percebe-se que P4 chama atenção para essa expectativa do acolhimento por parte da professora de Educação Física e de toda a escola.

P1 – “[...] Especificamente na EF... EU sempre gostava muito de baleada, e eu queria jogar baleada, e eu amava jogar baleada. A gente jogava quando chegava, de 7:00 horas da manhã 6:30, inclusive chegava mais cedo para está jogando, depois jogava no intervalo e jogava na saída, **aí nas aulas de educação física os meninos eram direcionados para o futebol e as meninas para a baleada ou vôlei.** Esses eram os esportes que me atraíam, por que eu queria baleada ou vôlei, primeiro por que eu me sentia pertencente, porque eram as meninas que estavam jogando e eu queria estar com elas”.

P2 - “[...] Fui jogar futebol, sempre escutei que menina não sabia jogar futebol, então eu via meus irmãos jogar futebol com os amigos e eu queria jogar futebol com eles e os amigos deles, **só que como eu era visto como uma menina, eu era escanteado dessa brincadeira.**

P3 – **Eu lembro muito que as aulas eram separadas por gênero, que eram os meninos separados das meninas,** e eu lembro que nas

primeiras aulas foi bem difícil por que ... a minha pergunta inicial era: - o que é que eu tenho que fazer aqui? Eu não sabia como jogar futebol eu não sabia nada sobre isso, eu não fui ensinado sobre isso”.

P4 – Eu não tinha outra escolha na minha escola a Educação Física era só queimada e futebol e então como na minha infância eu sempre tive e... a parte esporte... digamos que tipo... masculinas como o futebol e handebol, essas coisas. **Eu sempre joguei onde eu morava na minha infância e quando eu fui para a escola que era um lugar, digamos para me acolher ...** e a parte da educação como é algo... uma matéria interativa, uma matéria animada eu.. eu esperava isso dela. Jogar qualquer tipo de esporte porém quando eu cheguei na escola, eu encontrei algo completamente diferente, aonde o professor separava, os meninos jogam bola e as meninas jogam queimada, então eu não tive muita escolha porque por ela ser uma autoridade maior, ela era professora, eu era aluna. Então eu tive que respeitar aquilo dela.

É interessante perceber que as falas dos entrevistados revelam que não era dado o direito de oportunidade de vivências dentre as diferentes práticas corporais, no sentido de que eles pudessem praticar as modalidades que também se identificassem. A separação sexista do conhecimento a ser apropriado era estabelecida levando em consideração os corpos e não os sujeitos. Dessa forma, as dimensões biológicas que impregnaram uma construção cultural (vice-versa) tirou dos participantes não o desejo e o prazer da experiência de jogar futebol, voleibol ou da dança, como também, o direito ao acesso à diversidade do conhecimento a partir da compreensão e experimentação das práticas corporais.

Para Junqueira, sobre a lógica do biológico como responsável pelos comportamentos e os interesses, afirma:

Professores/as costumam dirigir-se a seus grupos de estudantes como se jamais houvesse ali um gay, uma lésbica, um/a bissexual ou alguém que esteja se interrogando acerca de sua identidade sexual ou de gênero. Impera, nesse caso, o princípio da heterossexualidade presumida, que faz crer que não haja homossexuais em um determinado ambiente ( ou, se houver, deverá ser “coisa passageira”, que “se resolverá quando ele/ela encontrar a pessoa certa”). (JUNQUEIRA, 1992, p. 31).

Além da heterossexualidade presumida abordada na citação acima, existe aqui uma discussão que vai além da identidade de gênero e sexual. Uma menina ou um menino heterossexual e cisgênero pode não gostar de baleada ou de futebol respectivamente. O

corpo, na dimensão do gênero, não determina o interesse por nenhuma prática esportiva. O interesse por uma determinada prática corporal é resultado da afinidade pessoal de cada sujeito, de maneira singular, construída na presença ou na ausência da mesma. É importante salientar a BNCC (BRASIL, 2017), não faz nenhuma identificação específica quanto a divisão das práticas corporais para meninos e meninas e destaca que essas devem ser pensadas como expressões culturais.

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BNCC, 2017, p. 213).

A recorrência dos discursos apresentados pelos participantes ainda estão presentes nos dias atuais, lamentavelmente. A formação do professor, para atuação na educação básica, há pelo menos 35 anos faz a crítica a separação dos corpos e das práticas corporais na Educação Física. Os discursos fazem retomar Goellner, quando aborda que nascer menino ou menina não pode ser critério determinante para as experiências na Educação Física escolar, pois a natureza biológica que segmenta a construção de gênero atrelada à construção cultural não pode subtrair dos alunos o conhecimento que lhe é de direito, além de enfatizar que as práticas corporais não determinam a orientação sexual.

Dessa forma, não existe um arranjo universal quanto a relação corpo e às práticas corporais. Um menino heterossexual pode preferir a dança ao invés do futebol, como também, o menino homossexual pode identificar-se e vivenciar o futebol e lutas, práticas culturalmente pertencentes ao gênero masculino, e não ter afinidade ou empatia com dança; ou ainda uma menina lésbica pode ser uma bailarina clássica.

Importante destacar que para a pesquisa o professor de Educação Física deve reconhecer as afinidades, interesses e saberes de seus alunos sobre as práticas corporais, mas que todos(as) devem ter o acesso ao conhecimento independentemente de sua identidade de gênero, aptidão ou afinidade por uma ou algumas delas. A Educação Física escolar tratar de conjunto de práticas corporais, onde sua intervenção pedagógica deve trata-las, inclusive fazendo refletir sobre as construções culturais de gênero e das práticas corporais na construção identitária dos sujeitos.

## 5.2 - O NÃO PERTENCIMENTO À ESCOLA E ÀS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Os(as) professores(as) ao separar os(as) alunos(as) considerando apenas os seus corpos, desconsiderar a vontade dos mesmos, suas identidades sexuais e de gênero. Acabam interferindo negativamente na construção da identidade desses(as) alunos(as), gerando nos mesmos um sentimento de não pertencimento por não estarem de acordo com os interesses socialmente escolhidos para meninos e meninas.

Observando os trechos destacados nas falas dos entrevistados pode-se inferir que como a ausência de uma empatia por parte dos professores de Educação Física e te toda a escola contribuíram para deixar marcas negativas nas lembranças e nas construções desses(as) alunos(as) enquanto sujeitos. Na compreensão de si mesmos(as). Os trechos em destaque revela bem até que ponto a ausência de um olhar mais apurando e sensível para essas questões pode acabar acarretando para a vida dos alunos LGBT, a depender da forma como cada aluno na sua singularidade emocional e psicológica encara a rejeição dos seus desejos e de seus corpos.

**P1 – Nas aulas de educação Física eu era o sujeito indesejado, que os meninos não queriam estar comigo,** porque eu estava sendo forçado, e eu não queria exercer o papel estavam me designando. Então eu era um sujeito indesejado, que queria fugir. ... Na Educação Física eu não era eu de verdade.

P2 - Na minha infância, infância mesmo! Eu estou falando de 7 anos... 8 anos por ai.. é de tentar me matar mesmo, porque eu vivia depressivo. **Eu era uma criança infeliz, é... não conseguia ser eu e não me sentia aceito na sociedade, então eu me sentia meio que alienígena vivendo na terra.**

P3 - **Meu sentimento era de como se eu não encaixasse... que eu sempre ficava assim.. gente o que é que estou fazendo aqui?** Porque é como eu relatei, eu me sentia... num... Eu sentia que assim.. Existia poucas modalidades de esporte que na época, no caso era só futebol e handebol como relatei.

P4 – **Tanto que eu vim de uma escola que era um padrão e eu não me... digamos que eu não me sentia inserido naquilo,** na parte de futebol e o que restava para mim era jogar queimada e... e em relação

a parte de jogar queimada, eu jogava apenas por jogar, não que me sentisse bem, assim.

Esse sentimento de não pertencimento relatado pelos entrevistados na sociedade e durante as aulas de Educação Física, é consequência de uma escola que não tem preparo para tratar com as diferenças, com um corpo docente que na sua maioria não está sensível a essas questões. E que por isso mesmo prefere se omitir a tentar minimizar o sofrimento dos alunos que por ventura esteja passando por esse processo de afirmação identitária. A invisibilização por parte dos(as) professores(as) frente a violência simbólica ou violência física sofrida por estes alunos e alunas, acaba tendo consequências tanto no aproveitamento escolar como para a vida futura. A escola que não atenta essas individualidades,

gera desinteresse pela escola; produz distorção idade-série, abandono e evasão; prejudica a inserção no mercado de trabalho; enseja uma visibilidade distorcida; vulnerabiliza física e psicologicamente; tumultua o processo de configuração e expressão identitária; afeta a construção da auto-estima; influencia a vida socioafetiva; dificulta a integração das famílias homoparentais e de pais e mães transgênero na comunidade escolar e estigmatiza seus filhos/as (JUNQUEIRA, 2009, p. 24).

Os relatos acima trazem as marcas de corpos que foram exigidos à padronização sexual e de gênero presente no cotidiano escolar e familiar. Todos eles estavam, e ainda estão, fora dos modelos sexuais e de gênero estabelecidos socialmente. Os participantes depararam-se com a rejeição e a exclusão em discursos hostis travestidos de brincadeiras (de mal gosto) e do faz de conta que não vi ou escutei, por parte dos professores, onde as salas de aulas, o pátio da escola tornaram-se espaços indesejados nos quais não queriam estar ou pertencer. A identidade dos participantes constituindo-se na prática homossexual tornava-se abjeta, proibida, silenciada, negada e *invisível*, na comunidade escolar.

É preciso que professores(as) e gestores(as) da educação não sejam omissos diante de situações do cotidiano escolar que expõem e dizem respeito à diversidade, sejam elas sexuais, religiosas, sociais, dentre outras. O estudo contrapondo-se ao modelos vigentes, acredita que um começo para o professor e a escola é compreender, no campo da sexualidade, por exemplo, a que se preconiza fora do modelo heterossexual, é mais uma forma de ser e existir como sujeito, ou seja, a identidade (o que me identifica) é essa, mas nessa identificação não os torna melhor ou pior como seres humanos.

### 5.3 - O BULLYING: A VIOLÊNCIA CONTRA O CORPO NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE

O não se sentir pertencente e o não lugar dos entrevistados eram agravados pelo bullying, revelados nos xingamentos e brincadeiras maldosas com intenção de constranger, humilhar, ridicularizar e diminuir o corpo em sua condição existencial. As “brincadeiras”, que ainda são tratadas como sendo despreziosas, típicas da condição de estudante e ou até inocentes produziram nestes corpos que participaram do estudo: dor, isolamento, sofrimento, conflitos e talvez o pior de todos, o de não querer existir.

Os LGBT são alvos constantes desse tipo de prática que ainda mais se eles quebram as barreiras dos comportamentos de gênero. Nos depoimentos que seguem fica claro como que o bullying se dava com os entrevistados. Apenas P4 disse não ter sofrido com o bullying e nem com as brincadeiras, mesmo assim relata perceber os olhares distorcidos, que podem ser interpretados aqui como olhares de reprovação, para a sua não adequação do comportamento de gênero ao corpo. É importante salientar que nem sempre o preconceito e a discriminação chegam as vias de fato do xingamento ou da humilhação pública, na maioria das vezes ele acontece de forma sutil, em um riso de canto de boca, um cochicho de pé de ouvido ou em olhares como no caso relatado por P4. Por essa razão, muitas vezes, passa despercebido.

P1 – Então Primeiro eu sofria bulling e violência na escola pro ser gordo, na época é... era... inclusive tinha muito apelido... é Faustão, é inchado... tinha isso. **E a minha sexualidade... era a bichinha, por eu ser mais pintosa, mais feminina... era a bichinha, o viadinho mesmo! Então eu sofria bulling e discriminação por essas duas questões, é... mais ainda, a questão que me doia mais, inclusive era a questão da sexualidade.**

P2 – [...] e assim, **violência sempre o tempo todo, e as pessoas xingavam muito, e apelidavam muito e enfim...** não tinham pena mesmo da pessoa.

P3 - Por que assim.. não eram exatamente nas... era no convívio em geral, porque as pessoas com quem eu fazia aula de Educação Física eram as mesmas com quem eu convivia durante o período escolar. **Porque aconteciam tanto nas aulas de Educação Física como no cotidiano , nas aulas cotidianas.**

P4 – [...] Eu não me recordo de ter brincadeira, assim.. tinha olhares de ... e principalmente dos meninos de... porque eu sempre me portei como ... mais masculino, assim, **mas eu via sempre olhares, mas só que nunca chegaram para mim e falaram. Mas tinha sempre aqueles olhares distorcidos.**

Os xingamentos e brincadeiras que depreciam os alunos e alunas que não se enquadram dentro do modelo padrão de gênero e sexualidade ainda são comuns nas escolas. Muitas vezes é por meio desses xingamentos que esses(as) alunos(as) se percebem diferentes. Mesmo que ainda não saiba o que significa. Como relatou P3 “[...] por que eu também não sabia o que era ser gay na época, eu nem sabia que eu era gay na época, eu nem sabia o porque as pessoas me tratavam diferente”. Fingir que situações como essas não acontecem, não vai fazer com que essas pessoas desapareçam. Ocorre que a escola está comprometida com a manutenção da heteronormatividade. Como já abordamos nesse trabalho nos tópicos anteriores.

#### **5.4 - MEU CORPO, SUAS REGRAS**

A descoberta do sexo da criança já é o suficiente para que ele ou ela sejam enquadrados numa série de comportamentos socialmente construídos, mas que de tão bem instalados pela cultura nos nossos registros mentais, nas nossas vivências sociais, que parecem fazer parte da nossa natureza. O que não é verdade. Vale lembrar aqui mais uma vez que a biológica não é determinante dos nossos comportamentos de gênero e nem da nossa sexualidade. É a cultura quem dita o que é do masculino e do feminino em épocas e lugares diferentes. Por isso que por mais estranho que isso possa parecer, o corpo é nosso mas a forma como vamos usa-lo e adorna-lo já é pré-terminado socialmente.

Os trechos destacados nas falas dos entrevistados que vem logo abaixo é reveladora nesse sentido. Observa-se que P1 vira motivo de riso quando tenta transitar pelo mundo do feminino, tendo nascido macho. Já P2 mesmo não se sentindo menina tinha que se vestir como uma menina somente porque tinha nascido fêmea, ainda temos o caso de P3, por ter atitudes próprias do feminino era chamado atenção pelo tio para que não brincasse com bonecas, já que estes eram brinquedos só de meninas e ele tinha nascido macho e precisava se comportar como um. P4 também relata do fato de não se sentir bem a imposição das roupas que deveria vestir em virtude do seu corpo. Nas falas analisadas há uma clara tentativa de adequação dos corpos ao modelo esperado socialmente, a fuga a esse modelo pode provocar a repreensão social como aconteceu com P1 e P3.

P1 – Inclusive nessa época eu estava começando a transitar mais pelo feminino... e ai eu disse que meu nome ia ser Lorryne, inclusive tinha um time de futebol do Estadual e **eu fiz uma camisa que era *The cats*, as gatas e eu atrás botei meu nome Lorryne, que era para que usasse essa camisa e ai isso era mais um motivo de riso.**

P2 – Nessa fase da adolescência em que geralmente as pessoas são sustentadas pelos pais, então eu não tinha muita escolha de roupa. **Então eu tinha que vestir o que minha mãe me comprova, e ela não concordava que eu vestisse roupas masculinas naquele momento ela ainda não tinha entendido o que acontecia na minha cabeça,** nem eu ... e ai é... as roupas eram sempre muito apertadas e que sexualizava m o corpo feminino... por assim.. Não adianta dizer que pra ser um exercício melhor com uma determinada roupa porque os meninos usavam chortes de futebol folgado, e da meninas era sempre chorte curto e apertado. Então assim existia sempre uma sexualização do meu corpo.

P3 – [...] Eu sempre percebi essa diferença pelo fato de que eu... eu percebia que os outros meninos tinham ... tinham atividades diferentes da minha. E... eu sabia que existia algo diferente mais eu não sabia o que era, eu descobrir por intermédio da minha família que sempre dizia: - Fala mais grosso! Por que a minha voz era mais fina na época. [...] **Eu também gostava muito de brincar de boneca e meu tio me repreendia sempre pelo fato de ... Há! Menino não brinca de boneca.**

P4 – [...] e antes na minha infância, que os pais sempre querem impor.. há você vai vestir vestido... vestir isso... e eu nunca me sentia bem.

Não podemos deixar de destacar da fala de P3 o trecho em que ele diz ter percebido a existência de algo diferente com ele a partir da forma como a família lhe repreendia por causa da sua fala, que ele próprio diz ser fina. Essa é uma situação comum entre os LGBT que mesmo não sabendo ainda sobre sua sexualidade e identidade de gênero, já sofrem com os xingamentos e a rejeição dos que estão a sua volta e inclusive na escola, já que é na escola que as diferenças se acentuam e exacerbam em virtude do número de corpos e sujeitos dividindo o mesmo espaço.

### 5.5 - A NEGAÇÃO DE SI MESMO

O sentimento de não pertencimento provocado por esse não lugar e todo sofrimento que ele acarreta conduziu em determinado momento os(as) entrevistados(as) a uma negação do processo de construção de uma identidade sexual e de gênero fora do padrão heteronormativo e cisgênero. Negar quem si é e, o que se quer, não pode ser encarado como covardia, ainda mais quando estamos falando de crianças e adolescente em formação de personalidade, é muito mais uma tentativa de buscar a aceitação social. Analisando a fala de P1 é possível perceber que ele criou uma aversão aos homossexuais, já que via neles aquilo que ele não queria para si. Dessa forma ele tentava negar quem era e o que sentia. Com P2 acontece uma tentativa de negar que era a partir da criação de uma feminilidade, na tentativa de mascarar o processo de descoberta trans. P3, que ele tentava ver no colega e o colega nele alguma coisa que tornasse o outro mais gay que ele. E conseqüentemente o fizesse menos gay e mais próximo da heteronormatividade. P4 salienta que a parte mais difícil nessa trajetória de descobertas e construção de identidade foi justamente admitir para si mesmo que a sua homossexualidade e seu comportamento masculinizado.

P1 – É importante mencionar que eu tinha uma aversão muito grande a gays. Eu tinha ódio de gays. Eu não gostava de gays. Porque eu não me identificava como gay. É... Eu acho que a própria violência com que a sociedade gritava, me xingavam... aquilo me chamando de gay, de gay, viado. **Para mim gay e viado era algo tão aberração tão**

**nojenta que eu não queria ser gay e nem viado.** Hoje eu tenho um grande amigo meu que inclusive ele é homossexual, mas na época ele já me conhecia e eu conversava com ele pelas escondidas, para que as pessoas não me associasse a ser um homossexual.

P2 - No começo eu tentei viver como a sociedade queria que eu vivesse, sabe? **chegou certo momento da minha vida que tentei assumir uma feminilidade, tentei criar, não era nem assumir, era criar uma feminilidade que não existia dentro de mim ainda,** e consegui por alguns anos manter uma certa aparência de tentar viver bem com aquilo e de fato não consegui.

P3 – Eu lembro que tinha um amigo meu... Não era bem um amigo, era uma das pessoa que nessas aulas eu tinha mais proximidade, eu diria. **Eu percebia que ele também era efeminado como eu e ele meio que não se aceitava e eu também não me aceitava.** Ai ficava naquela questão... tu não sabe jogar, e... enfim... ficava naquela questão de quem não sabia fazer o quê.

P4 - **Com o passar do tempo eu fui crescendo e ... eu ainda continuava tentando mascarar quem eu era, eu não me assumia para mim mesmo e eu acho que essa foi uma das partes mais difíceis.** Eu nunca gostei de vestido e nunca gostei de coisas rosas, dessas coisas que a sociedade impõe as meninas tem que vestir rosa e os meninos tem que vestir azul, e eu não me sentia bem com, eu tinha um cabelo grande, mesmo as pessoa falando - há! Teu cabelo é bonito ... Eu não me sentia bem.

A tentativa de negar a existência de uma sexualidade e identidade de gênero desviante da considerada normal e aceita socialmente é comum as experiências de todos(as) os(as) entrevistados(as). O que não é de admirar, tendo em vista que a pressão social apesar de sutil, alcança a todos e todas com uma força tão intensa que poucos decidem enfrentá-la. A maioria prefere continuar camuflado na cortina de fumaça criada pela presunção social da heterossexualidade. Como explica Junqueira:

As descobertas e as experimentações sexuais vividas na adolescência, por menos repressivo que seja o contexto em que se dão, não costumam ser encaradas com muita tranquilidade. Evidentemente, as dificuldades de se viverem as homossexualidades nesse período podem ser ainda maiores. Poucos/as jovens se sentirão à vontade para se exporem e, não raro, muitas dessas pessoas enfrentarão processos de profunda negação de suas

orientação sexual. Com isso, alimentarão as lógicas de invisibilização e, involuntariamente, reforçarão as crenças alimentadas pelo “princípio da presunção da heterossexualidade (JUNQUEIRA, 2009, p. 31).

## 5.6 - INDIFERENÇA E SILENCIAMENTO DOS (AS) PROFESSORES(AS)

São muitas as razões para a apatia dos professores frente as situações humilhantes pelas as quais passam os LGBT nas escolas. Dentre elas o próprio medo de ter sua heterossexualidade também dúvida e o medo da rejeição que esse lugar social acarretaria. Essa inviabilização por parte da escola acaba incentivando a homofobia como escreve Louro:

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. O resultado é, muitas vezes, o que Peter McLaren (1995) chamou de um apartheid sexual, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar dos/das homossexuais como pelo/as próprios/as. (LOURO, 2016, p.29)

A fala dos entrevistados reforçam a citação acima, evidenciando a forma como os professores não estão sensíveis as causas desses alunos. Apesar das idades variadas dos entrevistados, o que faz crer que foram estudantes da Educação Básica em épocas diferentes, relatam situações de indiferença e silenciamento por parte dos(as) professores(as). Mas uma vez aqui a fala de P4 destoa das demais, já que ela diz não ter sofrido bullying, mas destaca a violência simbólica da separação dos corpos nas aulas de educação Física.

P1 – Dentro da escola as professoras viam quando os meninos soltavam piadas, as vezes chamavam para... pra ir ao quadro, me chamavam para ir ao quadro me chamavam para o quadro, para escrever ou fazia algo é... eu ia, ai apagava, ai os meninos ficavam.. - rebola viado , rebola viado, rebola, e **ai a professora não fazia nada, as vezes fazia - cala boca menino! Só!** Mas assim, para puxar uma discussão, pra tentar desconstruir uma questão de sexualidade, não existia. As vezes ... Inclusive, outras vezes elas no corredor, eu ia passando tinha vaias, tinham piadas e elas passavam do meu lado e fingiam que nada estava acontecendo, o silenciamento é natural.

Infelizmente no meio educativo.

P2 – Então, **meus professores, eles foram muito apáticos assim, nem falavam nada sobre...** enfim nada, nunca quiseram saber por que meu desempenho aumentava ou diminuía. [...] mais também nunca falavam sobre gênero ou alguma coisa do tipo.

P3 - [...] a gente era alvo de bulling na época e... as pessoa, e os professores... **eu lembro que os professores não faziam absolutamente nada quando viam, simplesmente ignoravam, quando passavam faziam vista grossa.**

P4 - É ... **a professora de Educação Física.. digamos que ela não fazia muito o papel dela de chegar e ver o que... o que os alunos gostava daquilo...** se o aluno gostava do esporte que ela colocava para ele praticar. [...] Ela chegava lá, levava a gente para uma quadra e dava a bola para os menino e a bola de baleada para as meninas.

Uma das causas da indiferença dos(as) professores(as) para com as situações de preconceito sofrida pelos alunos LGBT está relacionada também a ausência de um currículo no ensino superior que aborde as questões de gênero e sexualidade. Munir os professores de conhecimento e sensibilizando-os para essas questões podem ajudar o(a) professor(a) a colaborar positivamente para a construção identitária dessas pessoas.

Os cursos de licenciatura precisam incluir essa temática nos currículos oficiais, capacitando assim os futuros professores para saberem como conduzir as aulas de Educação Física de forma que todos os alunos sejam incluídos e se sintam pertencentes. Destaca-se, nesse instante, o Projeto Pedagógico da Licenciatura em Educação Física, atualizado em 2016, que traz o componente curricular de aprofundamento 'Corpo e formação de professores', cuja ementa “Corpo e escola: da disciplinarização à valorização do saber sensível e possibilidades do trato pedagógico do corpo na educação básica” ([www.uepb.edu.br](http://www.uepb.edu.br)), aponta para a compreensão e reflexão sobre o corpo na/para a formação de professores e suas interfaces com a sociedade, cultura e educação escolar na contemporaneidade, no sentido ainda de identificar e refletir sobre os usos e discursos sobre o corpo produzidos que desdobraram-se na formação do professor, sensibilizando e instrumentalizando para a atuação do professor com relação ao próprio corpo e ao corpo do

outro (aluno).

Porém, a pesquisa compreende também que todos os componentes curriculares que tratam as práticas corporais podem e devem trazer para o debate as questões destacadas pelos relatos dos participantes, tensionando reflexões e produzindo outras intervenções pedagógicas que não sejam omissas, constrangedoras aos alunos LGBT, como o que ocorreu com os nossos entrevistados. A justificativa da falta de conhecimento, a omissão ou a falta de trato adequado no ambiente escolar tem causado a fuga da escola, prejuízo no desempenho escolar, como relatou P2, marcas gravadas no corpo, como se fossem à ferro quente (que carimba, dói e não se arranca), que poderão perdurar para uma vida inteira.

## 5.7 - A FUGA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

As razões já descritas acima tem como reação a fuga das aulas de Educação Física. Nos trechos destacados nas falas de P1, P2 e P3 deixaram claro a sua insatisfação com as aulas de Educação Física e a necessidade de se buscar formas para não participar delas. Já fala de P4, não foi encontrado nada que se referisse a essa vontade de se afastar das aulas de educação física, ainda que sua maior vontade, que era jogar futebol, não fosse respeitada.

P1 – O professor as vezes ele era bem grosseiro, bem grosso comigo, e ele dizia – Você não quer jogar porque? Você não é homem não, para tá jogando? Você tá aqui por que? Você é um homem, vc é igual a todo mundo e ele batia na tecla, insistia que era homem e que tinha ocupar aquele lugar, então isso era bem traumatizante para mim. [...] Inclusive depois desse fato que me aconteceu eu entrei em contato com o meu médico, com um médico que eu estava sendo atendido, por um ortopedista também na época que com onze anos de idade eu tive uma crise com febre reumática, inclusive eu fiz tratamento... **ai eu fiz de tudo para que esse médico me dessa algum tipo de atestado médico para que eu não fizesse educação física e eu fique i dois meses afastado da educação física, mas eu acho que era estrategicamente para não ficar lá, para não enfrentar o professor pelo ato que ele tinha me feito.**

P2 – [...] **Por exemplo na minha adolescência eu**

**preferia não fazer nenhum esporte**, ainda joguei handebol por muito tempo, mas minha adolescência mesmo assim ... para chegar na fase adulta, foi a dança , e dança de rua, mas nada... nenhum esporte que... que dissesse isso aqui é coisa disso ou daquilo, talvez tenha sido trauma ainda na minha vida.

P3 – Eu pratiquei durante o primeiro ano, porque eu fiz o ensino médio durante quatro anos. Eu reprovei o primeiro ano na outra escola, onde eu estudava e depois fui para uma outra escola. **Nesse primeiro ano de ensino médio eu ainda pratiquei, acho que durante uns três meses e depois eu descobri que existia uma atividade que você podia fazer e repor a nota, que foi assim... a minha salvação. Aquela atividade era mensal, mas era... tipo assim... Nossa! Eu tô fazendo isso aqui! Mas eu não preciso ir para essas aulas, pois era um terror pra mim.**

No depoimento de P1 é possível perceber que a vigilância e a pressão para com os corpos dos meninos é sempre maior e mais intensa. A todo momento é cobrado do menino que seja homem. Que ocupe o seu lugar na sociedade e

Esse sentimento, Experimentado por mulheres e homens, parece ser mais fortemente incutido na produção da identidade masculina. Em nossa cultura, a manifestação de afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito intensa do que entre as meninas e mulheres, De modo especial, em expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são claramente codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação. (LOURO, 2016, p.27)

O fato do menino ser mais cobrado tem uma razão de ser bastante conhecida dos que estudam gênero e sexualidade, A razão dessa cobrança se assenta no fato de estar o homem numa condição de superioridade a despeito da mulher em nossa sociedade. A homossexualidade e mais estritamente a passividade no ato sexual e/ou a transgeneridade acaba aproximando o menino da condição de fragilidade do feminino e de seu lugar naturalizado de inferioridade. Por isso mesmo os transgêneros são os que mais sofre com os

preconceitos e as discriminações.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda nos valendo da citação de Guacira Lope Louro do início da análise, não se pode responsabilizar unicamente a escola pela formação das identidades dos(as) alunos(a), mas não podemos negar que a escola participa diretamente nesse processo de construção, seja de forma benéfica ou ainda de forma negativa. O que foi possível avaliar dos depoimentos colhidos com os entrevistados é que a escola foi um espaço de opressão, para todos eles, em maior ou menor grau, todos(as) eles(as) passaram por situações de desmerecimento e de violência simbólica. As situações aqui citadas são só algumas das relatadas por eles e ela nas suas trajetórias escolares. Período em que justamente esse(as) alunos(as) estavam gestando suas identidades.

O que pode ter gerado nos mesmos sentimentos de baixa autoestima, medo, de inferioridade, de não pertencimento, rejeição a escola, negação se si mesmo. Sentimento que podem acompanhar essas pessoas por toda a vida, gerando ainda mais problema no futuro. Nesse sentido não se pode dizer que a escola participou do processo identitário dos entrevistados de forma negativa. Não ouve por parte da escola e sobre tudo do(a) professor(a) o acolhimento e nem tão pouco a inclusão desses alunos. Eles(as) eram sempre encarados(as) como o(a) outro(a) o(a) diferente. Havia por parte dos professores uma indiferença para o sofrimento dessas pessoas. Dessa forma não teriam que tocar nesses assuntos. O que é incompatível com a própria condição da escola de lugar de acolhimento e formação com reparo para os Direitos Humanos.

Hoje o(a) professor(a) não pode mais se eximir de cumprir com o seu papel, é sua função de proporcionar condições para que os alunos possam se colocar de forma crítica frente as dificuldades imposta socialmente. É assim que orienta a Base Nacional Comum Curricular.

Na BNCC, a competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas cognitivas e socioeconômicas), atitude e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a

mais humana, socialmente justa e, também, voltada para preservação da natureza. (BRASIL, 2017)

Finaliza-se por aqui direcionando nossa fala especialmente para os(as) professores(as) de Educação Física para que não seja ou torne-se omissos diante do sofrimento do outro, especificamente, alunos LGBT. É preciso pensar formas de ministrar as aulas, sempre que possível, levando em consideração o conhecimento norteador da área, sem torna-la espaço de segregação de gênero. Exergar os sujeitos com seus desejos, vontades e necessidades dará sentido a existência destes corpos que clamavam e ainda clamam por visibilidade e respeito à sua identidade ao seu reconhecer-se como sujeito.

Olhar com empatia para as angústias e os medos desses alunos poderá fazer toda a diferença na formação dos sujeitos, tendo a escola e o professor fontes de conhecimento e de construção de valores. O tempo do professor conteudista já passou. O tempo é de compreender as práticas corporais aliadas aos discursos homofóbicos, machistas, morais, dentre outros. Precisa-se pensar e fazer uma escola mais humana, onde todos se sintam acolhidos e incluídos. Engana-se quem pensar que agindo com indiferença e silenciamento, ou ainda com a repressão com as pessoas LGBT, irão fazer com que desapareçam. No máximo o que conseguirão é empurrá-los para a marginalidade, como já foi feito em outros tempos. Portanto, professor(a) e escola, cabe a todos nós a construção de uma sociedade que valorize e trate a diversidade como conhecimento, como forma de expressão individual e coletiva, onde nela a teia dos saberes, das relações, dos afetos, das experiências consigo e com o outro tece o processo de construção da identidade do sujeito seja ele(a) transgênero ou não.

## 7 REFERÊNCIAS

- BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. Petrópolis-RJ. Vozes, 1990.
- BOM MEIHY, Carlos S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- DINIS, Nilson Fernandes. Educação, Relações de Gênero e Diversidade Sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 103, maio/ago. 2008 <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n103/09.pdf>
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- GREEN, James N. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no do século XX**. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP, 2000.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo educado: Pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: 2º edição, Autêntica, 2000
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013
- MELLO, Luiz. Políticas Públicas Para a População LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades. **Caderno Pagu** (39), julho-dezembro, 2012, <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n39/14.pdf>
- MINAYO, Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo – Rio de Janeiro. HUCITEE – ABRASCO, 1992.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012
- TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução em ciências sociais: a pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- TREVISAN, João Silveira. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. São Paulo, SP. Max Limonad- LTDA, 1986

## **ANEXOS - ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

### **I - Apresentação**

Eu sou... (o estudo deixará livre a forma de cada participante apresentar-se)

#### **1. O corpo na Escola e nas aulas de Educação Física**

1.1 Fale sobre você, do seu corpo no cotidiano escolar e nas aulas de EF, durante a infância e adolescência.

1.2 Quais as lembranças mais vivas de sua trajetória escolar nas aulas de EF?

1.3 Quem era você nas aulas de Educação Física em sua infância e adolescência?

#### **2. O olhar do outro pra si na Escola e nas aulas de Educação Física**

2.1 Como os colegas da escola e/ou da turma lhe percebiam e lhe tratavam?

2.2 Como os professores, especialmente os de Educação Física, lhe percebiam e se posicionavam diante de comentários ou situações relacionadas a você?

2.3 Como se sentiu e reagiu frente a tais situações seja de colegas e/ou professores?

2.4 Como esse vivido interferiu e/ou interfere na sua vida escolar (relações pessoais, rendimento escolar, etc.) e pessoal?

#### **3. O olhar pra si mesmo e o processo de construção de identidade**

3.1 Fale sobre o despertar para sua construção identitária.

3.2 Como se sente e reage à atitude normativa da sociedade nos dias atuais?

3.3 Como você se percebe hoje?

3.4 O que diria hoje, a partir do seu vivido e da sua compreensão de si, aos seus professores de Educação Física?

**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CORPOS TRANSGÊNERO: DIÁLOGOS COM O VIVIDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Eu, **ELAINE MELO DE BRITO COSTA**, professora, do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), portadora do RG: 1.251.602 RN, declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em acompanhar seu desenvolvimento no sentido de que se possam cumprir integralmente as diretrizes da Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

**Campina Grande/PB, 29 de Outubro de 2018.**

**Pesquisador responsável/Orientador**

**Orientando**

**TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL EM  
CUMPRIR OS TERMOS DA RESOLUÇÃO 466/12 DO CNS/MS**

**Pesquisa: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CORPOS *TRANS*:  
DIÁLOGOS COM O VIVIDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Eu, ELAINE MELO DE BRITO COSTA, Professora do Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), portadora do RG: 1.251.602 RN e CPF: 785/953/124-00 comprometo-me em cumprir integralmente as diretrizes da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

Campina Grande/PB 29 de Outubro de 2018.

**Assinatura da Pesquisadora responsável  
Orientadora**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Pelo presente termo de consentimento livre e esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos autorizo a participação do \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ anos na a pesquisa “Processo de construção identitária de corpos trans e os diálogos com o vivido nas aulas de educação física escolar”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho “PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CORPOS TRANSGÊNERO: DIÁLOGOS COM O VIVIDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR” terá como objetivo geral *conhecer, compreender e refletir sobre histórias de vida de ex-alunos(as) transgêneros, gays efeminados e lésbicas masculinizadas a partir do cotidiano escolar e, especialmente nas aulas de Educação Física no processo de construção identitária.*

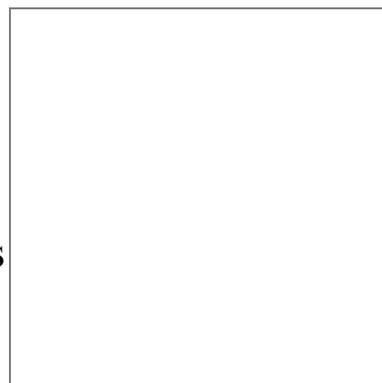
Ao voluntário só caberá a autorização para a entrevista semi-estruturada filmada e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.

- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução N.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica no número (083) 999300556 com **Elaine Melo de Brito Costa**.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS  
(FOTOS E VÍDEOS)**



Eu, \_\_\_\_\_, **AUTORIZO** a Profa. Elaine Melo de Brito Costa, coordenadora da pesquisa intitulada **PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CORPOS TRANSGÊNERO: DIÁLOGOS COM O VIVIDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR** a fixar, armazenar e exibir a minha imagem por meio de foto e/ou vídeo com o fim específico de inseri-la nas informações que serão geradas na pesquisa, aqui citada, e em outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos, entre outros eventos dessa natureza.

A presente autorização abrange, exclusivamente, o uso de minha imagem para os fins aqui estabelecidos e deverá sempre preservar o meu anonimato. Qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução deverá ser por mim autorizada, em observância ao Art. 5º, X e XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.

O pesquisador responsável Elaine Melo de Brito Costa, assegurou-me que os dados serão armazenados em meio digital, sob sua responsabilidade, por 5 anos, e após esse período, serão destruídas.

Assegurou-me, também, que serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse de minhas imagens.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande/PB, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

**Assinatura do participante da pesquisa**

**Assinatura e carimbo do pesquisador responsável**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ**

Eu, \_\_\_\_\_, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada **PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CORPOS TRANSGÊNEROS: DIÁLOGOS COM O VIVIDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR** poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores **Elaine Melo de Brito Costa e William Dias Silva** a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa Elaine Melo de Brito Costa, e após esse período, serão destruídos e,
6. serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande/PB, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**Assinatura do participante da pesquisa**

**Assinatura e carimbo do pesquisador responsável**